

Iconologia do Cotidiano: uma análise do bota abaixo de Pereira Passos na cidade do Rio de Janeiro no início do Séc. XX¹

Luiz Fernando VILLALBA²
Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

RESUMO

Em 1902, o então presidente da república Rodrigues Alves, nomeia para a prefeitura do Distrito Federal o engenheiro Francisco Pereira Passos, filho de um grande cafeicultor fluminense³. Este, já havia participado de uma comissão de melhoramentos do Rio de Janeiro e agora, sua missão seria sanear e reformar a capital federal, a “regeneração da cidade”. Curiosamente, um dia antes de Pereira Passos tomar posse, o Conselho Municipal teve suas atividades suspensas, o que dava ao novo prefeito total autonomia para tomar decisões como decretar impostos, fazer empréstimos e desapropriar imóveis, ou seja, carta branca para realizar suas reformas. (BRENNNA, 1985). Como na época o Rio de Janeiro era o principal centro consumidor de produtos importados, a ampliação do porto da capital e a construção de uma infraestrutura viária para o escoamento dos seus produtos pela cidade tornavam-se fundamentais na estratégia de saneamento econômico do governo de Rodrigues Alves. Estabelecemos aqui a seguinte reflexão como problema de pesquisa: quais memórias pode-se depreender sobre as reformas urbanas e as mudanças no cotidiano da cidade, a partir da análise de fotografias públicas e imagens divulgadas no período? Foi estabelecido como objetivo principal analisar as imagens produzidas pelos órgãos públicos e pela imprensa durante o período das reformas urbanas de Pereira Passos na cidade do Rio de Janeiro entre 1902 e 1906, buscando construir memórias através destas. Pretende-se realizar uma busca documental, nos debruçando sobre os arquivos da cidade do Rio de Janeiro, bibliotecas e acervos, Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional e outros que se mostrarem relevantes. Nossa técnica de coleta de dados, se dará por meio de documentação indireta e a análise se dará por meio de técnica qualitativa. Observando as alterações simbólicas na formação geográfica da capital e as diferenças de classe acentuadas com as ações de Pereira Passos, percebe-se este como um

¹ Trabalho apresentado na DT 4 – Comunicação Audiovisual do XXV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 26 a 28 de maio de 2022.

² Doutorando do Curso de Mídia e Cotidiano do IACS-UFF, email: lfwillalba@gmail.com

³ Até 1935 os prefeitos do Distrito Federal eram nomeados pelo presidente da república.

importante espaço para observar as alterações cotidianas na vida da população através das representações imagéticas. Com base na revisão bibliográfica feita até o momento, construiu-se a hipótese de que as imagens podem contribuir para a construção de memória coletiva, sendo então uma possibilidade de resposta à pergunta de investigação. Munidos de conceitos como o de História Pública, Fotografia Pública e Análise Iconográfica e Interpretação Iconológica, pretende-se analisar e interpretar imagens da reforma urbana entre 1902 e 1906 durante o combate às epidemias na cidade do Rio de Janeiro e seus impactos no cotidiano, a fim de construir uma memória imagética e contribuir para a construção de conhecimento. Caberia a nós, enquanto pesquisadores, fazer deste trabalho também uma forma de analisar e compreender o cotidiano e suas várias facetas, neste contexto de mudança radical na região central da cidade do Rio de Janeiro do início do século XX. O indivíduo que ocupa essa cidade, muitas vezes não percebe as mudanças, pois elas fazem parte ora de uma singularidade, ora de uma genericidade. Tendo nascido envolto nesta cotidianidade, não as percebe (HELLER, 1982). Nunca ficamos passivos diante de uma fotografia: ela fornece elementos que estimulam o nosso imaginário e nos fazem refletir sobre o passado, a partir do instante congelado, frisado, que persiste na imagem (Mauad, 2005). Um momento, uma pessoa, e até uma ilusão que, em determinado momento da história, passou pela lente de alguém, e isso não se pode negar. Para Lukács (1970 apud HELLER 2016 p. 61) “não há vida sem imitação.” Dentro desta reflexão, pode-se trazer o pensamento de Aumont (2004) quando reflete que “a representação é um processo pelo qual institui-se um representante que, em certo contexto limitado, tomará o lugar do que representa.” Ou seja, esse indivíduo representado nas fotografias do período, pode não exercer a função que aparenta no cotidiano da cidade, mas naquele instante congelado, o fará. No campo interdisciplinar, destacam-se as teorias do casal Robert e Michèle Root-Bernstein com suas categorias de “ferramentas para o desenvolvimento da capacidade criadora” (ARAÚJO-JORGE, 2018) onde nosso trabalho se encaixaria perfeitamente em algumas delas como “observar e registrar” e “evocar imagens”. Há muitos autores de referência para o assunto, apenas cita-se aqui alguns que podem nortear o trabalho: Hallbwachs (2006) e Le Goff (1990) importantes sobre a questão da memória. Mauad (2013 e 2015), Martins (2008), Barthes (1984), Dubois (1994) e Kossoy (2001) sobre a questão da fotografia e De Almeida e De Oliveira Rovai (2011) sobre a questão da história pública. Todos buscam responder questões já debatidas

em seus campos específicos. A novidade deste trabalho é construir uma análise interdisciplinar, para perceber quais memórias imagéticas pode-se construir dessa forma. Já para Halbwachs (2006) a história, diferentemente da memória social ou coletiva, opera com a divisão do tempo em períodos descontínuos, como blocos que não se ligam. Em cada novo tempo inscrito tudo se renova, cada novo período possui um começo, um meio e um fim. Passado e presente não se opõem na memória coletiva, ela perdura enquanto subsistir o corpo social na qual ela se inscreveu. Dito isto, entende-se que a “memória histórica” é um fenômeno construído, reforçando a questão sobre a existência de disputas pela inscrição nesta memória. Em alguns casos, as cidades preservam determinadas partes, formando “corredores culturais” ou “zonas de preservação” esquecendo que muitas vezes ali, estão preservadas construções feitas sobre outras mais antigas ainda (ABREU, 1998). Apesar de silenciosas, algumas imagens podem ser eloquentes. Muitas vezes pode-se dizer o que se vê ao olhar uma fotografia, mas em sua maioria o que vemos, não diz tudo o que sabemos sobre ela. Aliás, é um fato bem corriqueiro nas fotografias que quanto mais sabemos sobre o contexto em que foram clicadas, mais elas podem expressar. Não que elas não possam dizer nada para quem não tem nenhum conhecimento sobre a cultura, o povo, o espaço e o tempo expostos. E essa fala se dará baseada na sua experiência prévia, na sua bagagem cultural, fomentando memórias e discussões. Por mais isenta que possa parecer, o passado sempre será visto ali com os olhos do fotógrafo que optou por um determinado ponto de vista. Entre o fato e a imagem final, ocorrem inúmeras interferências que alteram e mediam a primeira informação. Essas interferências são explicadas por Kossoy (2001) quando afirma que o fotógrafo funciona como um “filtro cultural” ao qual se juntam outros filtros como o de quem contrata o fotógrafo. Para De Almeida e De Oliveira Rovai (2011, p. 7) “a história pública é uma possibilidade não apenas de conservação e divulgação da história, mas de construção de um conhecimento pluridisciplinar atento aos processos sociais, às mudanças e tensões”. Trata-se de trazer as “histórias de baixo”, múltiplas, conflitantes para a reconstrução do passado, levando em consideração a materialidade que o envolve e, contribuindo em “tornar o passado útil para o presente”. Além da História Pública, nos utilizamos da Fotografia Pública para produção do saber histórico, evidenciada por Mauad (2015) quando ela nos traz a informação de que se deve levar em conta a questão do contexto histórico que as imagens foram produzidas, circularam e foram consumidas. Nos

permitindo então, conhecer as sociedades pelas suas imagens. Martins (2008, p. 11) defende o uso da fotografia como instrumento indispensável ao trabalho do sociólogo na sociedade em que se prega a máxima: “ver para crer”. Embora a palavra escrita, depositária do saber acumulado pela sociedade ainda goze o status de soberana, a fotografia por flagrar o momento revela “insuficiências da palavra como documento da ciência social e como matéria-prima do conhecimento”. O autor enfatiza que a dificuldade de tomá-la como “documento social em termos absolutos” se iguala a do uso do relato oral, pois esbarra nas limitações da subjetividade envolvida. Sobre a questão da interpretação, norteiam a pesquisa os conceitos de Panofsky sobre análise iconográfica e interpretação iconológica. Segundo ele, a pura e simples identificação de elementos ou significados primários constitui a base da análise iconográfica. Em complementação a esta análise, a iconologia busca a descoberta e interpretação dos significados secundários ou dos valores simbólicos na obra. Assim como Kossoy (2001) vamos nos apropriar desse método e o transportar para a análise fotográfica, uma vez que ele defende a tese de que a fotografia é apenas um fragmento do real cujo significado só pode-se alcançar se levar em conta o processo envolvido na confecção da mesma (concordando aqui com Mauad, inclusive). Portanto, a análise iconográfica só não basta, é preciso se aprofundar através da interpretação iconológica. Após uma verificação, qualitativa quanto ao conteúdo dos trabalhos encontrados, consegue-se perceber que na sua grande maioria, acabam utilizando a fotografia como ilustração dos fatos investigados, ou ainda, sem uma preocupação com o uso das imagens de maneira a explorá-las como propõe-se em nossa pesquisa, entender as “entrelinhas” das imagens. Desta maneira, acredita-se que nosso trabalho tem muito a contribuir com o campo, seja quanto à fotografia como documento passível de revelar histórias, seja pela maneira interdisciplinar de trabalho, envolvendo a comunicação com outros campos, como a sociologia, antropologia e a história e explorando o seu potencial de análise do cotidiano e das relações estabelecidas na cidade do Rio de Janeiro do início do século XX.

PALAVRAS-CHAVE: Memória; Cotidiano; Fotografia Pública; Iconologia; Iconografia.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO-JORGE, Tania C. de et al. CienciArte© no Instituto Oswaldo Cruz: 30 anos de experiências na construção de um conceito interdisciplinar. **Ciência e Cultura**, v. 70, n. 2, p. 25-34, 2018.

AUMONT, Jacques. **Imagem (a)**. Papyrus Editora, 1993.

BARBOSA, Vanessa Maria. O bota-abaixo de Pereira Passos: a tentativa de promover uma nova ética urbana no Rio de Janeiro. **Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro**, n. 5, p. 227-242, 2011.

BENCHIMOL, Jaime Larry. Pereira Passos, um Haussmann tropical: a renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX. 1992.

BRENNA, Giovanna Rosso Del. O Rio de Janeiro de Pereira Passos. **Uma cidade em questão II**, 1985.

CARVALHO, Delgado de. História da cidade do Rio de Janeiro. **Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esporte**, 1994.

CURY, Bruno da Silva Mussa. **Combatendo ratos, mosquitos e pessoas: Oswaldo Cruz e a saúde pública na reforma da capital do Brasil (1902-1904)**. 2012. Dissertação de Mestrado.

DE ALMEIDA, Juniele Rabêlo; DE OLIVEIRA ROVAI, Marta Gouveia. **Introdução à história pública**. Letra e Voz, 2011.

FRIGOTTO, Gaudêncio. A interdisciplinaridade como necessidade e como problema nas ciências sociais. **Ideação**, v. 10, n. 1, p. 41-62, 2008.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Editora Paz e Terra, 2016.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História** – São Paulo: Ateliê Editorial, 2001

LE GOFF, Jacques et al. **História e memória**. Unicamp, 2003.

LUKÁCS, George. **Introdução a uma estética marxista**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. Editora Civilização Brasileira S. A., 2ª edição. Rio de Janeiro. 1970

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofício de cartógrafo**. Edições Loyola, 2004.

MARTINS José de Souza. **Sociologia da Fotografia e da imagem**. São Paulo: Contexto, 2008.

MAUAD, Ana Maria. **Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX**. Anais do museu paulista: história e cultura material, v. 13, p. 133-174, 2005.

_____. Fotografia pública e cultura visual, em perspectiva histórica. **Revista Brasileira de História da Mídia**, v. 2, n. 2, 2013.

_____ Usos e funções da fotografia pública no conhecimento histórico escolar. **História da Educação**, v. 19, n. 47, p. 81-108, 2015.

PANOFSKY, Erwin. **Significado nas artes visuais**, 2. ed., São Paulo, Perspectiva, 1979.

VASCONCELLOS, Maria da Penha Costa; RODRIGUES, Jaime. **A fotografia como instrumento do trabalho do higienista (São Paulo, primeira metade do século XX)**. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 13, n. 2, p. 477-491, 2006.